

tempo fora do tempo

sherrilyn kenyon

Tradução de Rita Carvalho e Guerra

Para o meu marido, por demasiadas razões para que as possa enumerar.

*Para os meus rapazes, que me fazem rir
e enchem de alegria a minha vida.*

Para os meus amigos que me ajudam a manter a sanidade.

E para os meus leitores.

*Obrigada a todos por fazerem parte da minha vida e por encherem
de amor o meu coração.*

Prólogo

Num passado distante, do qual não há registos

NÃO era divertido ser o porteiro do Inferno. A única coisa pior era ser o pau-mandado do diabo e Makah'Alay Omawayá também o fora.

Por vontade própria.

Um tique agitou o seu maxilar esculpido, ao mesmo tempo que os ventos agrestes chicoteavam o seu longo cabelo negro, açoitando-o, enquanto se erguia no cimo de um alto precipício, o corpo musculado e as armas embainhadas, recortadas pela Lua do Caçador. Sentindo a alma doente e um enorme cansaço, fitou o desfiladeiro vermelho, banhado pelo luar, e as sombras dançantes que o faziam pensar no seu passado.

Como podia um só homem ter arruinado tantas vidas?

Não, arruinado não.

Destruido.

Já não tinha o direito de viver. Não depois de todo o sangue que concordara em derramar com a sua faca e as suas setas. Não depois de todas as atrocidades que cometera. No entanto, ali estava ele. Só.

Envergonhado.

Imortal.

Por duas vezes designado guardião de um mundo que fizera os possíveis por aniquilar. Sim, também não fazia sentido para ele. Os espíritos eram sempre um mistério. Não conseguia imaginar, sequer, por que motivo lhe haviam permitido regressar ali.

Por outro lado, a única lição que aprendera com tudo aquilo fora o quão verdadeiro era o velho ditado — *o homem tem responsabilidades, não poder*. Depois de tantos anos, compreendia por fim o que isso significava.

Não lhes vou falhar.

Nem a si próprio.

Estou determinado...

Vivia a sua vida atual graças a uma decisão consciente, não ao acaso aleatório. Os espíritos não o tinham escolhido para aquela tarefa. Ele voluntariara-se. Sem mais desculpas que o cegassem e impedissem, mudaria para melhor.

Desta vez, estava motivado a alcançar a excelência, e não seria manipulado pelo mal. Seria útil e não deixaria que o usassem. Procuraria a excelência em vez da concorrência. A partir daquele momento, confiaria na sua própria sabedoria interior e ignoraria o conselho e as opiniões dos outros. Tendo, por fim, esgotado a sua inútil autocomiseração, esforçar-se-ia por ficar a conhecer a autoestima.

Viver a vida honrada que deveria ter vivido há tanto tempo.

O seu olhar deslizou pela profunda caverna, mais abaixo, onde lutara, outrora, contra um poderoso imortal, durante um ano e um dia. Continuava sem saber como ou onde encontrara a força para combater. Mas a adrenalina e os muitos anos de um passado humilhante que ainda se lhe agarravam à garganta tinham-no impedido de sentir dor. Tinham-no impedido de sentir o cansaço ou os ferimentos. Essa libertação de décadas de raiva enjaulada alimentara-o melhor do que leite materno.

Se ao menos tivesse agora esse conforto. Mas, com a luta terminada e o sangue nas mãos, sentia-se cansado e doente. Enojado. Queria culpar outra pessoa. Não interessava quem. Contudo, no final, não podia fugir de uma verdade simples.

Era o único responsável pelo que lhe acontecera. Tinha tomado a decisão e permitira que os seus pensamentos fossem controlados por outrem.

Agora, era tempo de o corrigir.

Não estás livre, Makah'Alay. Nunca ficarás livre do meu serviço. E agora és meu para toda a eternidade.

Não, não sou, gritou na sua mente, suficientemente alto para que o pensamento fosse levado daquele reino para as Terras Ocidentais, onde estava aprisionado o Espírito Pardo.

Com alguma sorte, para todo o sempre.

O Espírito Pardo fora o senhor de Makah'Alay Omawayá.

Makah'Alay Omawaya está morto. Morto graças aos estratagemas do irmão. E também isso fora justificado.

Agora renascia como Ren Waya — o lobo traiçoeiro — e a sua alma estava nas mãos de uma imortal de uma terra distante.

Art-uh-miss. Tinha fiado a magia que o trouxera de volta àquele reino. E ele jurara proteger aquele mundo das criaturas do irmão dela, que se alimentavam das almas da humanidade. Não deixou de reparar na simetria e na ironia.

E, no entanto, o seu povo sempre acreditara em ciclos e círculos...

Sejam gentis uns com os outros, porque se voltarão a encontrar. Era por isso que o seu clã nunca acreditara em dizer adeus. As pessoas eram sempre as mesmas, só as circunstâncias se alteravam.

E o facto de Ártemis ter tomado posse da sua alma, depois de tudo o que tinha feito, pareceu-lhe certo. Já para não dizer que lhe dava uma oportunidade para vigiar o irmão e se assegurar de que o Coiote não prejudicava a terra ainda mais do que Ren quando este fora o seu supervisor.

Ainda assim, não podia negar que, embora o Espírito Pardo estivesse preso nas Terras Ocidentais, o sacana permanecia na posse de uma parte dele que estaria para sempre corrompida.

Uma parte que esperava que estivesse tão bem fechada quanto o portão que mantinha preso o Espírito Pardo.

Contudo, no fundo de si mesmo, com os poderes que Ren amaldiçoara desde a hora do seu nascimento, viu o que estava para vir. Aqueles portões seriam enfraquecidos. E embora ele fosse forte, um homem, ainda que imortal, tinha um limite para a força que continha. O Avô Tempo prosseguia com a sua marcha em frente e, enquanto avançava em espiral pela terras, ia-as alterando eternamente.

As suas mãos fortes moldavam e davam forma a esta terra.

Como Ren, marcava-a.

Um dia, o Avô Tempo viria buscá-lo e exigiria que prestasse contas por tudo o que tinha feito.

Por tudo o que *não* tinha feito.

Que os bons espíritos da terra os ajudassem a todos quando esse dia chegasse. A mudança não ocorria sem temor nem sacrifício. E ainda que conhecesse as suas forças, também conhecia as suas fraquezas.

Tal como o Espírito Pardo e a sua criada, a Brisa Profeta. Já por uma vez o tinham reclamado como seu.

Quando voltassem a combater, Ren lutaria com todas as suas forças. Mas sabia que isso não seria suficiente.

Voltariam a apoderar-se dele, e então...

Ren estremeceu perante as visões do futuro e do que esperava aquele mundo indefeso que não fazia ideia das coisas que homens como ele mantinham ao largo.

Não importava e nada mudava. Lutaria pelo bem, com ainda mais afinco do que havia lutado pelo mal. Se ganhasse, tudo ficaria bem. E se perdesse...

A morte tinha as suas vantagens.

Capítulo

UM

10 de dezembro de 2012

Las Vegas, Nevada

3h00 da manhã

— **AS PENAS** estão a formar-se nos céus e a Lua Fria está quase sobre nós. Em breve o Pai Cobra abrirá os olhos e, com eles, os sete portões.

Ren inclinou a cabeça ao ouvir o profundo e cuidado sotaque britânico de Choo Co La Tah a perturbar a escuridão solene onde estava sentado, a escutar o silêncio à sua volta. Aquelas penas eram a coroa na cabeça da constelação da Serpente que regia o seu antigo calendário. Quando as penas estivessem em plena plumagem e se alinhassem com o solstício de inverno, os portões entre este mundo e os outros abrir-se-iam. E para este mundo seria derramado todo o mal que fora expulso, não só pelo seu povo, mas também pelos dos outros seis continentes.

Onze dias.

Vinte e um de dezembro de 2012. Onze e onze da manhã. Nesse preciso instante, o coração do universo atravessaria a árvore da vida. A cabeça, o coração e o corpo ficariam alinhados pela primeira vez, em vários séculos.

Era perfeito, não era? Se ainda restassem dúvidas acerca do equilíbrio e dos ciclos do universo, aquilo deveria ser prova suficiente de que, embora tudo pudesse parecer aleatório, não era. Ninguém, com exceção do Grande Criador, poderia ter cronometrado tão bem tal acontecimento.

Onze dias para a Reposição.

Ren conseguia ouvir o relógio a bater. Cada pulsação levava-os para mais perto do inevitável. Para mais perto do momento em que o inferno se libertaria.

Seria uma boa altura para meter baixa.

Se ao menos o pudesse fazer. Mas tais luxos pertenciam aos humanos, não a imortais como ele. Para criaturas como ele, jamais existiriam dias de baixa ou mesmo dias de ócio. Ganhassem, perdessem ou empatassem, lutariam até à última das últimas e levariam consigo tantos inimigos quantos conseguissem.

Unidos permanecemos.

Unidos morreremos.

E para um imortal, a morte era muito mais assustadora do que para um ser humano. Quem morria sem alma, ficava sujeito à mais absoluta agonia por toda a eternidade.

O Inferno não era nada quando comparado à sua existência caso tombasse.

Ren inclinou a cabeça respeitosamente a Choo Co La Tah.

— Tenho estado a ver os sinais. — Altura em que tivera uma visão que ainda o assombrava. Mesmo com os olhos bem abertos, via-a com clareza. Sentia a sua presença, como se estivesse ali, naquele preciso momento.

Mas não fazia ideia de quem era *ela*. Uma mulher franzina, com o coração de um ogre dos penhascos, aparecera-lhe através da escuridão. Envergando uma pele de gamo amarela, tinha torcido o cabelo castanho-escuro e entrelaçara-o com penas brancas. Como a deusa que se apoderara da sua alma, ajoelhara-se ao seu lado, enquanto ele jazia ferido no chão. A sua voz doce acalmara-o, enquanto cantava numa língua que não ouvia uma mulher falar há mais de dois mil anos.

A morte tinha-o agarrado com força, até ela pousar a mão minúscula no rosto ensanguentado de Ren. Inclinando-se para a frente, continuara a cantar, a respiração deslizando pela pele dele. O seu toque gentil e voz calmante tinham arrastado consigo a sua dor até nada mais ter sentido, senão o calor inesperado da pele dela contra a sua. O olhar dela sustivera o seu, enquanto depositava um beijo nos seus lábios. Um beijo tão leve que não parecia mais do que o toque das asas de um colibri.

«Estou aqui por ti», sussurrara, um instante antes de o apunhalar através do coração. Enquanto a dor o trespassava, ela rira-se, deixando-o a morrer sozinho.

Mal tinha terminado essa visão quando Choo Co La Tah aparecera no seu pátio das traseiras. Durante a última meia hora, estivera em solene observação do céu por cima deles, em busca de algo que negasse aquilo que sabia vir a caminho.

Ninguém pode parar um comboio. O melhor que podiam fazer era derramar o seu sangue na grelha da locomotiva e nos carris.

Ren levantou-se lentamente no meio do pátio das traseiras, depois virou-se para olhar para o antigo imortal. Há vários séculos, tinham pertencido ao mesmo clã. Choo Co La Tah fora, em tempos, o amigo e conselheiro de maior confiança do irmão.

Mas as coisas mudavam. E as pessoas também. Com demasiada frequência, acordamos e descobrimos que a pessoa de quem éramos mais próximos era aquela acerca da qual menos sabíamos. E, como Ren ficara a saber em primeira mão, um amigo saturado de mal era aquilo que mais se devia temer. Ainda que os inimigos nos pudessem ferir o corpo, um amigo diabólico feria o coração e a mente — duas coisas que se podiam revelar fatais.

— Não há sinal da Vigia. — Choo Co La Tah olhou de relance para as Plêiades sobre eles, na direção de onde se encontrava o primeiro portão. As mesmas estrelas em que Ren se havia concentrado. Estrelas que tinham um lugar especial no seu coração. — E se já tiver morrido?

— Um bom amigo disse-me, certa vez, para não temer o futuro. De uma maneira ou de outra, este virá. O truque consiste em recebê-lo de braços abertos, para que não parta nada, quando me abalroar.

Choo sorriu.

— Eu era bem mais jovem e flexível nesses tempos.

Ren riu-se do ancião que, fisicamente, tinha a aparência de um homem musculado, de trinta e poucos anos de idade. Envergando um casaco de pele de gamo castanha e calças de ganga, Choo usava o comprido cabelo preto preso numa trança que lhe descia pelas costas — o mesmo estilo do de Ren. E cada um dos oito dedos tinha um anel de prata que protegia uma pedra sagrada. Como ele, Choo fora, outrora, o melhor guerreiro do seu clã. Tinham ido para a guerra juntos e combatido um contra o outro. Ironicamente, Ren fora o único a alguma vez derrotar Choo Co La Tah.

Algo que alcançara com batota.

Felizmente, Choo não guardava rancor.

Muito.

Ren cruzou os braços sobre o peito, ao reparar no quão frio se tornara o ar da noite. Enquanto estivera a meditar, não prestara atenção à descida da temperatura. Agora, o frio vento do deserto dava-se a conhecer.

— Além disso, não é a morte dela que devíamos temer, mas a possibilidade de que a pedra esteja, agora, nas mãos de algo que não devia.

Choo Co La Tah acenou com a cabeça, concordando.

— E é isso que mais temo. A *ghighau* já me devia ter contactado. Como não o fez... — A sua frustração era tangível. — Nem sequer sei quem é nesta vida.

Nem Ren. Para a protegerem de todos os predadores que a matariam se pudessem, os Espíritos nunca permitiam que os Guardiões conhecessem a sua identidade, até se tornar necessário. Ainda que os Guardiões fossem imortais, a Vigia não o era. Uma criança humana, passava a pedra sagrada de mãe para filha, juntamente com a história do seu dever tão sagrado. Sempre que chegava a altura da Reposição, a Vigia enviava um sonho a Choo Co La Tah, para que este soubesse de quem se tratava.

Com dois dos quatro Guardiões mortos, Choo e o irmão de Ren, Coiote, eram as únicas pessoas que a podiam ajudar a repor o calendário e manter os portões fechados.

Um Guardião que a protegeria.

O seu irmão que a mataria.

Ren, que fora um Guardião até o irmão lhe ter roubado essa posição, encontrava-se agora entre os dois. Ainda que tencionasse erguer-se e lutar com Choo Co La Tah, fazendo uso de todas as suas capacidades, não sabia ao certo o que faria contra o irmão. Parte dele continuava a odiar o Coiote com um paixão violenta que o deixava amargo. Mas, por baixo disso, existia uma culpa tão profunda que nem sequer se zangava pelo facto de o Coiote o ter torturado no ano anterior, quando fizera de Ren seu prisioneiro.

Como podia, quando tinha feito muito mais do que isso ao Coiote?

As traições nunca eram fáceis. Quando perpetradas por um estranho, eram odiosas. Quando perpetradas por um amigo, magoavam, e quando o eram pela família...

Eram corrosivas.

Deu uma palmada nas costas de Choo Co La Tah.

— Vê as coisas pelo lado positivo. Pelo menos ainda ninguém destapou os Anikutani.

— Ainda, meu querido rapaz. Mas lembra-te, ainda nos faltam onze dias. Basta um momento «oh, merda», para desfazer todos os nossos melhores esforços para proteger este mundo, e não há nada mais perigoso nesta existência do que um idiota com uma missão.

Ren fungou perante aquele otimismo.

— Claro que há, Choo.

— E o que seria?

— Um idiota com uma ligação à Internet e um *pack* de seis latas de *Red*

Bull. — Mas, pondo de parte as piadas, Choo Co La Tah tinha razão. Se alguém soltasse o selo que mantinha os irmãos de Ren presos durante o Tempo Desfeito...

Ia mesmo meter baixa no trabalho.

E procurar um buraco para se esconder.

Só de pensar no seu regresso, o estômago de Ren apertava-se e os arrepios percorriam-lhe os braços como se o seu inconsciente estivesse a tentar avisá-lo de que já era demasiado tarde para pensar em fugir. Sentia-se como se o selo tivesse sido quebrado.

Para. É o vento.

Quanto a isso, não tinha qualquer dúvida. No entanto, a questão era: será que o vento vinha do deserto? Ou dos Anikutani a serem libertados?

Capítulo

DOIS

10 de dezembro de 2012

Tuscaloosa, Alabama

4h00 da manhã

KATERI Avani agitou-se no seu sono, enquanto os sonhos a atormentavam. Não mais uma mulher adulta, era de novo uma rapariguinha, sentada em casa da avó, a brincar com as bonecas que a avó fizera para ela e para a prima Sunshine Runningwolf, a partir do milho que crescia no jardim das traseiras. Com doze anos acabados de fazer, Kateri deslizava a mão pelo cabelo de barbas de milho negras do boneco. Não sabia porquê, mas fazia-lhe sempre um pequeno arco e flecha para ele agarrar.

A avó estava sentada ao seu lado, na antiquada mesa vermelha da cozinha, a descascar ervilhas enquanto falava com Kateri naquele tom sempre gentil, que nunca deixava de a fazer sentir segura num mundo que fora tudo menos isso.

— Sabes, Ter, as pessoas costumam dizer que o amor pelo dinheiro é a raiz de todo o mal. Mas nada podia estar mais errado. — Deitou os fios e as pontas da vagem de ervilha no balde do lixo orgânico, pousado aos seus pés. — Antes da invenção do dinheiro ou mesmo dos sistemas monetários, já o mal circulava em grande quantidade.

Não sabendo ao certo porque lhe estaria a avó a contar aquilo, Kateri ergueu uma sobrancelha perante o tom sério.

O cabelo branco-neve da avó estava entrançado e envolvia-lhe o crânio numa espiral intrincada que Kateri tentara repetidamente dominar. Ao contrário do da avó, o cabelo dela acabava sempre numa confusão que permitia que as tranças caíssem mal se movia mais depressa.

Depois de empurrar os óculos para cima com o nó do dedo, a avó interrompeu o seu discurso para retirar mais algumas vagens por arranjar do cesto de verga feito à mão, que se encontrava sobre a mesa, e passou-as para o tacho prateado que tinha ao colo. Apontando para Kateri com uma das longas vagens, trespassou-a com aqueles olhos dourados que guardavam todo o fogo de uma curandeira forte e corajosa.

— Escuta o meu aviso, filha. Nem o dinheiro, nem a ganância destroem a humanidade, e não arruinam a vida de um só indivíduo. Pelo contrário, é algo muito mais sinistro. Esses são meros sintomas de uma doença que nos pode destruir de dentro para fora.

Os olhos de Kateri abriram-se muito.

— O que destrói as pessoas, vovó?

— A inveja — disse ela, num tom arrepiante. — Essa é a mais mortífera de todas as coisas, filha. Foi o que motivou o primeiro crime conhecido da humanidade, quando um irmão atacou o seu irmão e o deixou como morto, só porque achava que o irmão era preferido. À superfície, é um mundo tão belo. Mas como todo o verdadeiro mal, essa beleza é enganadora e atrai os imprudentes, capturando-os e arruinando-os. Tal como num redemoinho, antes que disso te apercebas, estás a afogar-te nele e não consegues escapar por muito que tentes.

O coração batia com força no peito de Kateri. Aquelas palavras tinham-na assustado. Ela nunca, mas nunca, queria sentir aquilo. O problema é que não sabia o que era «aquilo».

— O que quer dizer «inveja»?

A avó abriu as vagens das ervilhas, os seus movimentos mais frenéticos do que antes.

— Vem do latim *invidi*, que significa causar ressentimento ou ter má vontade em relação a outra pessoa; a inveja é a incapacidade de sentir felicidade com a sorte de alguém ou de lhe desejar o bem, mesmo que o mereça. É quando levamos a mal o momento de sorte de alguém ou o simples facto de terem uma vida que consideramos melhor ou mais fácil do que a nossa. Mas ouve as minhas palavras, filha, todos temos mais do que a nossa dose de dores e tristeza. Momentos embaraçosos e coisas que nos assombram. Disso ninguém está imune, por muito boa ou perfeita que achemos que é a sua vida. A vergonha e a dor não poupam ninguém.

— Nunca farei uma coisa dessas, vovó — garantiu-lhe Kateri. — Sei que não devo.

A avó sorriu-lhe gentilmente.

— Eu sei, querida. Mas vale a pena repetir os avisos. É tão fácil cair nas garras da inveja e deixar que o ódio e a amargura destruam a nossa felicidade. — Entregou a Kateri várias ervilhas cruas, para que esta as comesse enquanto continuava a descascá-las. — Quando eu era uma rapariga, mais ou menos da tua idade, a minha avó contou-me uma história que o avô lhe tinha contado. Embora fosse muito nova quando a ouvi, ficou comigo durante toda a minha vida.

Kateri mastigou as ervilhas enquanto escutava. Sempre adorara as histórias da avó.

— Certo dia, um rapazinho foi ter com o avô, que era um velho chefe cherokee. «Eludi?», perguntou o rapaz. «Porque estás tão triste?»

» O velho chefe mordeu o lábio e esfregou a barriga, como se o estômago lhe provocasse dores insuportáveis. «Sinto dentro de mim uma luta terrível, Uhgeeleese», disse o chefe em tom firme. «Uma luta que não me deixa dormir nem me dá paz.»

A avó encostou a vagem de ervilha ao nariz de Kateri, enquanto imitava o espanto de olhos esbugalhados do rapaz.

— «Uma luta, avô? Não compreendo. Que tipo de luta existe dentro de ti?»

Kateri roubou mais uma mão cheia de ervilhas do tacho da avó.

— O velho chefe ajoelhou-se à frente do rapaz para explicar. «No fundo do meu coração, existem dois lobos. Ambos suficientemente fortes para devorar o outro, estão envolvidos numa luta constante. Um é mau de uma ponta à outra. É a vingança, a tristeza, o arrependimento, a raiva, a ganância, a arrogância, a estupidez, a superioridade, a inveja, a culpa, as mentiras, o ego, o falso orgulho, a inferioridade, a dúvida em relação a si próprio, a desconfiança e o ressentimento. O outro lobo é tudo o que há de gentil. É feito de paz, doce tranquilidade, sabedoria, amor e alegria, esperança e humildade, compaixão, benevolência, generosidade, verdade, fé e empatia. Andam em círculos dentro do meu coração e lutam um contra o outro a todo o momento. De dia e de noite. Sem tréguas. Nem mesmo enquanto durmo.»

» Os olhos do rapaz abriram-se muito, enquanto ele sugava o ar abruptamente. «Que terrível para ti.» O avô abanou a cabeça perante aquelas palavras e tocou no peito do rapaz, precisamente no local onde estava situado o coração. «Não é terrível apenas para mim. O mesmo combate está a decorrer dentro de ti e de todas as pessoas que conosco caminham nesta terra.»

Kateri tocou no seu próprio coração, enquanto se perguntava se aqueles lobos também estariam dentro dela.

— Aquelas palavras aterrorizaram o rapazinho — continuou a avó. — «Então diz-me, avô, qual dos lobos irá vencer este combate?» O velho chefe sorriu ao neto, ao mesmo tempo que lhe tomava o jovem rosto nas mãos, antes de responder com uma simples verdade: «É sempre o que alimentamos.»

A voz da avó ecoou através do sonho de Kateri, enquanto ela se esforçava por acordar. *Tem cuidado com o que alimentas, filha. Pois esse animal seguir-te-á até casa e viverá contigo até lhe fazeres a cama para que se deite, ou encontres a coragem para o expulsar.*

Mas a avó não tinha terminado os seus avisos. Pegou na mão de Kateri e levou-a consigo através do tempo. Para um lugar que era misterioso e estranho, e que, ao mesmo tempo, lhe era familiar. Como se já ali tivesse estado e se tivesse esquecido.

Ou tivesse banido a recordação.

Embora os ventos fortes fossem quentes, deixavam-lhe o sangue gelado de temor — como se existisse ali algo inaptamente mau. Algo que a queria morta. Por todo o lado, estalagmites e estalactites formavam animais deformados que aumentavam o seu desconforto. As paredes de barro vermelho faziam-na pensar numa paisagem marciana. Mais do que isso, aquelas paredes tinham desenhos de batalhas passadas entre guerreiros e uma serpente emplumada que se erguia sobre eles, lançando fogo pelas narinas, enquanto os tentava derrotar.

— É aqui que o fim começa.

Antes que pudesse perguntar à avó o que esta queria dizer, Kateri viu uma sombra deslizar pelo chão. Esta agarrou-a por trás e puxou-a contra o peito duro como pedra. Sentiu-se devorada pelo tamanho do homem que a segurava com uma facilidade que a aterrorizou. Envergando uma camisa de linho branco, colete preto e calças de ganga, tinha longos cabelos cor de ébano que lhe caíam até meio das costas. Olhos negros brilhavam num rosto esculpido com tamanha perfeição que não parecia real.

Sentindo que aquele estranho era familiar, relaxou.

Até ele ter falado.

— Para sempre — sussurrou-lhe ele ao ouvido, um instante antes de lhe ter mergulhado uma faca no fundo do coração, depois puxou-a para o chão para morrer. A sua última imagem foi a dele a transformar-se num corvo, para poder voar para longe dela.

Trémula e assustada, Kateri acordou, sentindo suores frios, enquanto o despertador tocava ruidosamente. Às 4h30 da manhã, o quarto continuava escuro como breu, mas ainda assim sentiu uma presença perto da sua cama. Mais do que isso, sentiu o cheiro ténue a hortelã-pimenta e loção *Jurgen*.

O cheiro da avó. Só numa outra ocasião despertara com aquela sensação e cheiro — a noite em que a avó tinha morrido, quando ela estava na faculdade. Sentiu todo o corpo a arrepiar-se ao mesmo tempo que as lágrimas lhe enchiam os olhos.

— Eleese? — sussurrou, usando a palavra *cherokee* para avó.

Um relâmpago brilhou, realçando as sombras no seu quarto. Kateri arquejou quando, a um canto, lhe pareceu ver a forma sólida de uma mulher.

Só que não era a avó. Em vez disso, estava retorcida e horrenda. Feia.

Pior, a sombra lançou-se para ela.

Reagindo por puro instinto, Kateri ergueu um braço e sussurrou as palavras antigas de proteção que a avó lhe ensinara para poder lutar contra os pesadelos sempre que estes a tentassem atacar. Tal como aprendera, usou os pensamentos para afastar o invasor, utilizando a sua força de vontade para o transportar daquele reino para o que o gerara. A criatura guinchou ao chegar junto à cama e o seu rosto ficou a centímetros do de Kateri. Os seus olhos vazios tremeluziram como chamas antes de se ter afastado, como se houvesse chocado com um campo de forças. Com um crocitar histérico, explodiu numa criatura de fogo que se contorceu e voou pela janela, com a forma de uma gralha-preta.

Não. Não era uma gralha-preta.

Um corvo.

Os arrepios percorreram-lhe a espinha, ao mesmo tempo que as recordações a lançaram para um tempo e um espaço onde não queria ir. Era um corvo escarnecedor. Seres mirrados que só se revelavam àqueles que estavam prestes a morrer.

Às almas que tencionavam devorar.

Kateri abanou abruptamente a cabeça. Não, não acreditava em tais coisas. Nada nem ninguém podia levar a alma de uma pessoa. Não passavam de histórias que a avó lhe contara em criança para a divertir ou assustar.

Sou uma cientista. Sei que não existem criaturas capazes de mudar de forma, que roubam as almas dos mortos.

Era impossível.

Mas a avó tinha acreditado nelas, tal como muitos dos *cherokee* que viviam na reserva onde a avó trabalhara. De tal modo que esta era chamada sempre que alguém estava a morrer. De dia e de noite, até a pessoa falecer, a avó mantinha a sua vigília para proteger os mortos dos corvos escarnecedores.

Lutei contra muitos nos meus dias, filha. E, como eu, um dia também terá o dom de os ver. De lutar contra eles pelas almas que vieram roubar. Cabe-te a ti a honra de me seguirem os passos. E quando a minha hora chegar, quero que

segures a minha mão, enquanto faço a travessia para a aventura seguinte, e protejas a minha alma até esta estar livre do seu velho corpo e tenha atravessado em segurança os portões do Céu. Então viverei entre as estrelas e olharei para ti, todas as noites, enquanto te protejo.

Fora um sonho que nunca se tornara realidade. Em vez de morrer pacificamente enquanto dormia, como havia imaginado, a avó fora assassinada por um homem que lhe invadira a casa, quando Kateri estava a milhares de quilómetros de distância.

Não penses nisso. Sempre que o fazia, a raiva — escura e fétida — incendiava-a e tinha de usar toda a sua força de vontade para não se transformar numa vigilante raivosa. A avó fora a criatura mais carinhosa, mais gentil que alguma vez nascera e um psicopata qualquer forçara a porta de sua casa ao pontapé e...

Para! Tinha de ir para o trabalho para...

Os pensamentos fragmentaram-se quando o seu olhar se prendeu na cómoda. Sobre esta, ao lado de uma pequena fotografia dela e da prima Sunshine sentadas no colo da avó, estavam as bonecas de milho com que estivera a sonhar. Bonecas que já não via há anos; desde o verão em que fizera dezasseis anos e a avó a conduzira através do ritual que simbolizava a sua passagem da infância para a idade adulta.

Aquelas bonecas tinham sido incineradas nesse dia e, depois, os seus restos haviam sido espalhados pelo jardim para alimentar uma nova colheita de milho — símbolo da vida e do ciclo de nascimento, renovação, morte e renascimento...

Mas a sua presença na cómoda não era o que mais a assustava.

Enquanto dormia, alguém entrara no seu quarto e escrevera no espelho com uma barra de sabão — outra coisa que a avó costumava fazer quando Kateri ficara com ela. Pequenas mensagens como «Amo-te», «Boa sorte com o teste», «Tem um bom dia na escola», «Não te esqueças da camisola», e outras coisas fúteis.

Mas aquela mensagem não era doce.

Leva a minha nayu até ao Vale de Fogo, onde a terra pura deve domar o corvo. Escuta o búfalo e protege a borboleta. Juntos serão mais fortes do que qualquer inimigo. E lembra-te, Waleli, quando o coiole chegar e a cobra atacar, ou comes o urso ou o urso come-te a ti.

A meio do dia, seria apenas um bocadinho irritante de ler. Tão cedo pela manhã, era francamente irritante.

Não estou com paciência para estas tretas.

— Quem está aí? — gritou.

Só o som do bater do seu coração lhe respondeu. Telefonaria à polícia, mas para quê? *Olhe, senhor agente, acordei e descobri uma mensagem verdadeiramente críptica no meu espelho, escrita por alguém que estava drogado ou embriagado ou... Não, senhor agente, não estou sob o efeito de substância nenhuma. E não, não estão aqui agora e não faço ideia porque fariam algo assim, mas podia descobrir quem são e pedir-lhes que não me deixem mais mensagens? De quem desconfio? Não faço ideia. Só a minha falecida avó me costumava deixar mensagens assim.*

Pois, aquilo ia correr bem, e com a sua sorte, ainda a prendiam por ter apresentado uma queixa falsa.

Ou, pior, chamavam um psiquiatra.

Mas o que a perturbava realmente no bilhete era o facto de lhe chamar *Waleli...* Colibri. Esse era o seu verdadeiro nome próprio, que a avó lhe dera ao nascer. Um nome que não fazia parte dos papéis que a mãe preencheria para solicitar a sua certidão de nascimento. Ninguém o conhecia.

Ninguém.

Por isso, ou a avó a tinha visitado ou...

Tu não acreditas em fantasmas.

É verdade, mas que outra explicação poderia haver? Porque haveria um estranho de entrar em sua casa, não roubar nada, não lhe fazer mal, e escrever aquilo? O raciocínio desafiava a lógica.

Como poderiam saber da *nayu* da avó, que surgira num *email* que lhe fora dirigido no dia depois da sua morte, ou o nome que a avó usava só quando estavam sozinhas?

Kateri abanou a cabeça.

Talvez fosse isso que o corvo escarnekedor estivesse a fazer.

Sim, pois, a ideia de um corvo escarnekedor a escrever com sabão no espelho dela soava ainda mais ridícula e rebuscada do que a teoria dos fantasmas, mas o que lhe restava?

Uma vez eliminado o impossível, o que restar, por muito improvável que seja, terá de ser a verdade. Revirou os olhos, enquanto a sua mente lhe recordava a citação de Arthur Conan Doyle.

— Não acredito nestas tretas, vovó! — gritou para o teto. Nunca tinha acreditado. Paranormal, corvos escarnekedores, *tsinooks*, espíritos e assim... tretas e balelas.

Kateri era uma cientista. Acreditava apenas naquilo que podia provar, tocar, cheirar e ouvir.

Quantificar.

O resto era palha para romancistas e para Hollywood. Não existia fora dos sonhos.

Simplesmente, não existia.

De repente, algo guinchou. Kateri virou subitamente a cabeça na direção do som que vinha da sua cómoda.

Ali, no espelho, surgiram mais palavras, enquanto as fitava.

Mas eu acredito em ti, Waleli. Não me desiludas.

Acima de tudo, não te desiludas a ti mesma.

Capítulo

TRÊS

Meio-dia

ANOTANDO a hora e a data para os seus apontamentos relativos à amostra de solo que estava a testar, Kateri sentia-se como se estivesse a andar em frente, com a mudança presa na marcha-atrás. Tinha os membros pesados, todos os movimentos eram letárgicos e difíceis. Como se o mundo estivesse dessincronizado e ela tivesse sido apanhada entre duas forças concorrentes. E, por muito que se tentasse concentrar no trabalho, nada impedia que a mente repetisse os seus sonhos loucos.

Que comi eu a noite passada?

Gelado de banana.

É isso. De agora em diante, está fora da ementa.

Depois de horas de discussões interiores que a fizeram duvidar da sua sanidade e condenar a sua clara estupidez por ter pensado o contrário, conseguiu por fim convencer-se de que tudo o que imaginara até ter ido à casa de banho lavar os dentes fora um sonho provocado pelo excesso de stress, o gelado e...

Agora que pensava nisso. Tinha de falar com a prima mais tarde. Sunny sempre se mantivera a par daquela esquisitice. Se havia alguém capaz de lhe explicar que planeta ou signo astrológico estava a gerar o caos na sua vida, era Sunny.

Ainda assim, Kateri não conseguia afastar da sua mente aquele guerreiro de cabelo escuro. Claro que ajudaria se o homem mantivesse a camisa vestida

sempre que se infiltrava na sua mente inconsciente. Que tipo de pessoa era aquela que não tinha a decência de manter as roupas vestidas antes de lhe invadir os sonhos?

Um pouco de modéstia ajudaria muito.

Sim, mas as roupas num corpo tão belo eram a sua própria versão de obscenidade.

Chiu, mente, sê decente, também tu.

Mas era difícil quando via a dor nos seus olhos negros, enquanto ele a segurava em braços quentes e acolhedores. Enquanto a respiração dele deslizava pela sua pele. Mesmo agora, conseguia sentir o coração dele a bater contra o ombro e o ligeiro tremor nos seus braços. Quase sempre que sonhava com aquele homem, ele encostava o rosto ao dela, ao mesmo tempo que saboreava o facto de estarem próximos. Nesses momentos, Kateria sentia-se sempre tão serena. Tão feliz.

Até ele a matar.

É só um sonho parvo.

Acreditava realmente nisso. Quando regressara ao quarto para se vestir, o espelho estava limpo de quaisquer escritos e não havia sinal das bonecas, do corvo escarnecedor, ou de qualquer outra coisa fora do normal.

Provando assim que a sua imaginação estava tão fértil como sempre.

E os meus amigos ainda se perguntam por que razão nunca experimentei drogas. Com o seu historial de família, não se atrevia. Já tinha insanidade suficiente sem elas. A última coisa de que precisava era de mais.

Desde a morte da avó, tinha «visões» que não conseguia explicar. Grutas no deserto e antigos hieróglifos pintados em paredes de pedra. Animais que investiam contra ela. Mas uma coisa que se mantivera constante em todas elas era o homem de cabelo escuro que lutava ao seu lado ou...

A apunhalava mortalmente.

De súbito, a porta do laboratório abriu-se, revelando o seu assistente, Enrique Martinez, que entrava com uma encomenda enorme nas mãos. Aos vinte e três anos, era lindo e estava consciente desse facto. Era algo de que se aproveitava plenamente junto das colegas do sexo feminino, quando estas precisavam de «acompanhamento». A sua lista de namoradas, em constante rotação, era tão longa que Kateri deixara de a tentar acompanhar há várias semanas.

— *Hola*, Dra. Avani. — Enrique pousou a caixa gigante na mesa ao lado dela.

Recostando-se na cadeira alta, sorriu-lhe. Pedira-lhe repetidamente que lhe chamasse Teri ou Kateri. Mas, por alguma razão, ele nunca conseguira ser tão informal.

— Olá, querido. Como correu o teu encontro da noite passada?

Enrique emitiu um som infeliz com a língua.

— Não tão bem quanto estava à espera. Ela voltou a lançar-me às feras. Oh, bem. Não vou ficar demasiado preocupado com isso. Ela também não era bem aquilo de que estava à procura.

— Como assim?

Ele mostrou-lhe um sorriso com covinhas.

— Queixou-se tanto da comida ao empregado que tive medo de comer a minha. Nunca se sabe quando um cozinheiro irado vai juntar qualquer coisa *extra* especial à nossa carne. A última coisa de que preciso é de uma mulher que seja uma harpia, percebe o que quero dizer?

Rindo-se, ela levou a mão à encomenda para a abrir. Raios, como era pesada. Será que alguém lhe tinha enviado uma pilha de tijolos pelo correio? Tinha agora um novo apreço pela força de Enrique.

— Está a rir-se da infelicidade dos outros, doutora, mas a Vingança de Montezuma não é razão para brincadeiras.

Kateri dirigiu-lhe um olhar irritado.

— Não me vais deixar esquecer Gus Guatemala, pois não?

— A doutora é que ficou a viver na casa de banho durante três dias. Já agora, obrigado por *esse* presente de aniversário.

Ela fungou.

— Sim, pois, pelo menos vais lembrar-te sempre dele. Que nunca se diga que não deixo uma impressão duradoura.

Desta feita, ele juntou-se ao riso dela, enquanto retirava do bolso de trás uma *butterfly*, que girou para abrir, cortando em seguida a fita-cola que fechava a caixa.

Arqueando uma sobrancelha, Kateri ficou bastante impressionada com a habilidade de Enrique no manejo da faca, e nem quis pensar por que razão ele, um aluno de mestrado em Geologia, andava com aquilo.

— Isso não é ilegal?

A expressão dele teria feito chorar um anjo, perante tanta inocência.

— É?

Kateri adorava quando ele respondia às perguntas de que não gostava com outra pergunta. Aquele tipo de desvio para canto tinha o seu lugar no mundo e Enrique era um mestre manipulador. Abanando a cabeça, ela abriu a caixa e expôs uma tonelada de pipocas e algo envolto em papel e mais fita-cola, como se a desafiasse.

Ótimo. Era mesmo daquilo que precisava. Uma unha partida e queimaduras da fita-cola.